

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG

PEDAGOGIA

THAINÁ CRISTINA NOGUEIRA

A INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NO ENSINO REGULAR

Varginha

2017

THAINÁ CRISTINA NOGUEIRA

A INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NO ENSINO REGULAR

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Orientador: Prof. Ma. Scheilla Oliveira Guimarães

Varginha

2017

THAINÁ CRISTINA NOGUEIRA

A INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NO ENSINO REGULAR

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas- UNIS/MG, como pré requisito para obtenção do grau de Licenciatura, pela Banca Examinadora composta pelos membros.

Aprovado em

Prof. Ma. Scheilla Oliveira Guimarães

Prof. Ernani de Souza Guimarães

Prof. Wanderson Vitor Boareto

OBS.:

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pais Emília e Antônio, ao meu irmão Igor, à minha avó Maria Tereza, ao meu tio Luiz Carlos, as minhas amigas Ana Karla e Teissiane e em especial ao meu avô José Nogueira que sempre teve o sonho de me ver formada. Dedico a eles pelo fato e terem me apoiado e sempre estarem ao meu lado! E acima de tudo pelo meu esforço e dedicação que me fizeram chegar aonde cheguei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me capacitou a cada momento e não me deixou desistir, pela fé e coragem que Ele me deu. Agradeço a minha família pela confiança e esforços investidos. Agradeço aos colegas e professores do curso pelo apoio e ajuda de sempre e pelo conhecimento que adquiri nesses três anos e meio. Em especial agradeço a minha mãe Emília, meu pai Antônio e meu irmão Igor por sempre estarem do meu lado quando mais precisei e por nunca me deixar desistir nos momentos mais difíceis.

“Não deixe que as pessoas te façam desistir daquilo que você mais quer na vida. acredite. Lute. Conquiste. E acima de tudo, seja feliz!”

RESUMO

O Autismo é um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro que podem ocorrer durante a gestação ou logo após o nascimento. A inclusão de alunos com tal transtorno em escolas vem sendo muito discutido, pois há um grande preconceito em relação a essas. O autismo é considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento, caracterizado por uma interiorização intensa. Além da recusa de manter contato com outras pessoas, a criança autista apresenta diversas anormalidades de linguagem e de movimentos físicos, isso a leva a fazer parte do grupo de pessoas que possuem esse distúrbio, tendo o direito amparado por Lei à educação especial e inclusiva nas escolas de ensino regular. Embora a presença do autista ainda seja rara nas escolas, é importante que os profissionais da educação tenham conhecimento dos sintomas característicos desse distúrbio e busque uma adaptação no currículo escolar para trabalharem o desenvolvimento destas crianças para assim, serem inseridas na sociedade. A metodologia aplicada a presente monografia é a bibliográfica, que abrange a leitura, a análise e a interpretação de livros, artigos e documentos. A pesquisa dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final. O objetivo principal da monografia é a investigação se há alunos autistas em escolas regulares. Ao final da pesquisa, chega-se ao resultado de que a inclusão de alunos autistas é um direito por lei, porém não é consolidado devido à falta de profissionais capacitados e a insegurança das escolas ao aceitar esse desafio.

Palavras chave: Autismo. Inclusão. Ensino Regular. Capacitação.

ABSTRACT

Autism is a complex group of disorders of brain development that can occur during pregnancy or shortly after birth. The inclusion of students with such disorder in schools has been much discussed, as there is a great prejudice against these. Autism is considered a Global Developmental Disorder, characterized by a reflection. In addition to the refusal to maintain contact with other people, the autistic child has several abnormalities of language and physical movements, that takes part of the Group of people who have this disorder, having the right supported by special and inclusive education Law in regular schools. Although the presence of autism is still rare in schools, it is important that the education professionals are aware of the characteristic symptoms of this disorder and search for an adaptation in the school curriculum to work the development of these children to be inserted in society. The methodology applied to this monograph is the literature covering reading, analysis and interpretation of books, articles and documents. The research supports all phases of any type of research, since it assists in the definition of the problem, in the determination of goals, building hypotheses, in the grounds of justification of the choice of subject and the preparation of the final report. The main objective of the monograph is the investigation if there are autistic students in regular schools. At the end of the survey, the result of the inclusion of autistic students is a right by law, but is not consolidated due to lack of skilled professionals and the insecurity of schools to accept this challenge.

Keywords: *Autism. Inclusion. Regular Education. Training.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. CONCEITUANDO O AUTISMO.....	11
2.1 Perturbações do Autismo.....	12
2.1.1 Interação/ Domínio Social.....	12
2.1.2 Domínio da linguagem e comunicação.....	13
2.1.3 Domínio da cognição e do comportamento.....	14
3. CAUSAS E SINTOMAS DO AUTISMO.....	16
4. A INCLUSÃO DESSES ALUNOS.....	21
4.1 Estilos de aprendizagem.....	22
5. PROFISSIONAIS CAPACITADOS.....	24
6. CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

As questões aqui abordadas ocorreram no intuito de esclarecimento acerca do autismo e como está sendo a integração da criança autista nas escolas de ensino regular. A escolha pelo tema surgiu diante das dificuldades vivenciadas no período de estágio no que diz respeito ao apoio às crianças com necessidades especiais, inseridas nas salas de aula do ensino regular. Sendo assim, consideramos necessário conhecer e compreender um pouco sobre esta síndrome e sobre as ações pedagógicas implantadas para trabalhar o desenvolvimento global das crianças autistas.

O autista não deve ser visto como alguém que não aprende possuidor de algo interno que lhe dificulta a aprendizagem, mas sim, como uma pessoa que têm formas diferentes para alcançar este aprendizado. A inclusão de alunos com tal transtorno em escolas vem sendo muito discutido, pois há um grande preconceito em relação a essas pessoas. Porém o ingresso de uma criança com autismo na educação regular é um direito garantido por lei, que se trata da Educação Especial.

A Inclusão é uma prática relativamente recente e talvez por isso ainda não totalmente difundida junto dos profissionais da educação. Atualmente está contemplada no decreto - lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro. Até agora, os sistemas de ensino têm lidado com a questão por meio de medidas facilitadoras, como cuidadores, professores de reforço e salas de aceleração, que não resolvem, muito menos atendem os desafios da inclusão. Por isso é necessário que haja a capacitação de cada profissional, pois nesses casos de inclusão não são os alunos que se adaptam a escola, e sim a escola que se adapta para recebê-los.

O único problema é saber se há profissionais capacitados para a interação com essas crianças e se nas escolas de ensino regular essa ideia de receber alunos tanto com autismo como com outras deficiências é bem recebida. Durante séculos, o mundo tratou crianças com deficiência como doentes que precisavam de médicos não de Educação. Porém a inclusão de crianças especiais em escolas de ensino regular é algo que demorou a ser aprovado, mas após essa aprovação constatou que é algo que beneficia não só as crianças, mas também os profissionais ao redor.

Para lidar com crianças com autismo é necessário que o professor tenha um amor que não seja espontâneo, ou seja, um amor que já nasceu com a pessoa. Crianças com autismo têm

grande dificuldade de confiar em alguém a menos que lhe dê confiança o suficiente para que ela se solte em sala de aula; essa confiança só é conquistada na base de amor, carinho, atenção que são dadas a elas e quando o profissional aposta no potencial que aquela criança possui.

O problema de pesquisa apresentado na monografia é se nas escolas regulares essa ideia de receber alunos com autismo é bem aceita? Há uma capacitação de todos os profissionais para a interação com esses alunos?

A metodologia aplicada na presente monografia é a pesquisa bibliográfica que abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos on line e documentos. Todo material recolhido foi submetido a uma triagem, a partir da qual foi possível estabelecer um plano de leitura. Trata-se de uma leitura atenta e sistemática que se faz acompanhar de anotações e fichamentos que, eventualmente, poderão servir à fundamentação teórica do estudo. Isso porque a pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema.

Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica. A seguir serão retratados o conceito e as perturbações do Autismo que apresentará o que é o autismo e quais as perturbações que esse distúrbio causa em quem o possui; essas perturbações são: interação/domínio social, domínio de linguagem e comunicação, e domínio da cognição e comportamento. Serão retratados as causas do autismo já pesquisadas e seus sintomas que são diversos e variam de mais severos a brandos. A inclusão desses alunos. é um direito por lei, porém nem todas as escolas aceitam esses alunos devido à falta de conhecimento para a relação com autistas. Os estilos de aprendizagem que são características particulares de aprender, ou seja, cada indivíduo possui um estilo único e diferenciado no processo de aquisição de conhecimentos e com os autistas não há diferença. O último capítulo irá retratar se há profissionais capacitados para a interação com pessoas que têm esse distúrbio, o que na maior parte dos casos não acontecem, pois algumas escolas não preparam seus profissionais para ter uma relação positiva com esses alunos especiais.

2 CONCEITUANDO O AUTISMO

O Autismo é um transtorno de desenvolvimento que geralmente aparece nos três primeiros anos de vida e compromete as habilidades de comunicação e interação social, causa atraso no desenvolvimento da criança e compromete principalmente sua comunicação, socialização, iniciativa, imaginação e criatividade. Este indivíduo com distúrbio global do desenvolvimento só não se desenvolverá para o convívio na sociedade, se esta passar a enxergar a doença como à única realidade deste cidadão. O autista não deve ser visto como alguém que não aprende possuidor de algo interno que lhe dificulta a aprendizagem, mas sim, como uma pessoa que têm formas diferentes para alcançar este aprendizado.

É de extrema importância que a criança com autismo seja tratada normalmente pela família e amigos e que em primeiro lugar sejam entendidos em sua forma de ser, e que recebam auxílio em tudo que precisem. É também muito importante que receba um tratamento com especialistas da área de psicologia e terapia ocupacional, entre outros. De acordo com Camargos (2012),

[...] é fundamental que a família e amigos os tratem normalmente, tentando entendê-los em sua forma de ser e assim tentar ajudá-los, propiciando tratamento em todas as áreas que precisem. O tratamento é basicamente feito de reabilitação: psicologia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, escola, fisioterapia, musicoterapia etc. (CAMARGOS, 2012, p. 10).

As características do autismo costumam aparecer durante os primeiros três anos da infância e mantêm-se durante toda a vida. Apesar de não existir cura nem solução definitiva, o tratamento apropriado ajuda a promover um desenvolvimento relativamente normal, ao minimizar os comportamentos que são considerados inadequados. Segundo Barbosa (2012),

Uma pessoa com autismo sente, olha e percebe o mundo de maneira muito diferente da nossa. Pais, professores, profissionais e a sociedade como um todo precisam mergulhar em seu universo particular e perceber o mundo da mesma forma que ela vê. (BARBOSA, 2012, p. 15)

A pessoa com autismo vive em uma espécie de mundo próprio onde ela é a criadora de tudo, cabe à sociedade aprender a conviver com isso e respeitar de forma que o Autista se sinta bem diante de qualquer outra pessoa. O que realmente falta na sociedade é que a

população mude sua maneira de olhar as pessoas que tem algum tipo de necessidade especial, o preconceito que permanece no mundo é algo prejudicial não só para a pessoa como também é para quem pratica tal ato.

O autismo pode apresentar-se com maior ou menor intensidade: as formas mais leves, como a síndrome de Asperger, podem ser praticamente imperceptíveis e, frequentemente, são confundidas com timidez ou excentricidade. Por sua vez, os casos mais severos incluem uma ausência total da fala e um comportamento extremamente repetitivo, autodestrutivo e agressivo. O autismo nem sempre está associado à deficiência mental. Ocorre, às vezes, em crianças com inteligência classificada como normal, que é conhecido como “déficit intelectual”, sendo mais intenso nas habilidades verbais e menos evidente em habilidades espaciais. As crianças com este diagnóstico podem apresentar desempenho além do normal em tarefas que exigem apenas atividades mecânicas ou de memória, ao contrário das tarefas nas quais é exigido algum tipo de sentido ou conceituação.

2.1 Perturbações no autismo

Os indivíduos com autismo têm três grandes grupos de perturbações. Segundo Garcia e Rodríguez (1997) estas perturbações são ao nível social, linguagem e comunicação, pensamento e comportamento.

2.1.1 Interação/ Domínio social:

A criança autista revela dificuldades em estabelecer relações sociais com as pessoas que a rodeiam. São crianças que por norma não reagem à voz humana, não solicitam afetos e consolo dos pais e têm pouca expressão facial, corporal, visual e gestual (Garcia e Rodríguez, 1997).

Segundo Rutter (1987, apud. GARCIA; RODRÍGUEZ 1997, p. 252) as dificuldades de interação manifestam-se de diversas formas: apreciação inadequada de sinais socioemocionais, falta de resposta às atitudes afetivas de outras pessoas, falta de maleabilidade de comportamento de acordo com o contexto social, fraca utilização dos sinais

sociais, assim como fraca integração dos comportamentos social-afetivo e ausência de reciprocidade afetiva.

Lorna Wing (1982, apud GARCIA; RODRÍGUEZ, 1997, p. 175) refere ainda dois tipos de crianças autistas: as que são essencialmente calmas e não manifestam qualquer tipo de interação e as que choram incansavelmente e são impossíveis de se acalmar

2.1.2 Domínio da linguagem e Comunicação

Existem crianças autistas que conseguem comunicar, no entanto apresentam alguns problemas ao nível da fala, nomeadamente: alterações no timbre, ênfase, velocidade, ritmo e entoação. Afirma Garcia e Rodriguez (1997),

As crianças autistas geralmente apresentam dificuldades na compreensão e uso da linguagem como meio de comunicação social, contribuindo para o déficit social. As dificuldades são na compreensão e utilização das regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas. (GARCIA e RODRÍGUEZ, 1997, p. 65).

No entanto, as crianças apresentam alguns problemas ao nível da fala, nomeadamente: alterações no timbre, ênfase, velocidade, ritmo e entoação; ecolalias imediatas ou retardadas; falta de iniciativa para iniciar ou manter um discurso; uso do “TU” em vez do “EU”; falta de expressão emocional; linguagem formal; ausência de fantasia e imaginação; uso abusivo dos imperativos; utilização pouco frequente dos imperativos. A criança autista cresce com um déficit social, contudo com o seu desenvolvimento pode tornar-se mais social se houver uma evolução na compreensão e uso da linguagem. Existem crianças que nunca chegam adquirir os mecanismos da linguagem falada e nem compensam esta ausência com outras formas alternativas de comunicação.

Quando a linguagem se desenvolve, não tem nenhum valor de comunicação e caracteriza-se por uma ecolalia imediata e retardada, ou pela repetição de frases estereotipadas, uma inversão pronominal, e uma afasia nominal. Ainda se pode observar uma modulação patológica da linguagem: volume, altura do som, qualidade da voz, ritmo,

entonação e inflexão são alterados e produzem uma linguagem expressiva atonal e desprovida de emoção.

2.1.3 Domínio da Cognição e do comportamento

Segundo Garcia (1997), neste domínio a criança autista revela dificuldades no pensamento e no comportamento, bem como fraca imaginação social. Manifesta comportamentos repetitivos e obsessivos, dependência em rotinas, atraso intelectual e ausência de jogo imaginativo, e o atraso cognitivo nas crianças com autismo não é global, contudo existem algumas funções cognitivas que podem ser alteradas.

“A necessidade obsessiva de imutabilidade é um dos comportamentos fixos, estereotipados e repetidos característicos, porém não é considerado como um item do diagnóstico, embora seja descrito com detalhes e integre elementos que não podem ser negligenciados.” (SANTO e COELHO, 2006, p.13).

Sendo assim, ao se tratar do domínio da cognição e do comportamento devem-se ficar atentos há alguns elementos que não devem ser deixados de lado. Os autistas “experimentam uma necessidade de estabilidade que se manifesta através de uma resistência a qualquer mínima mudança no ambiente habitual.” (SANTO e COELHO, 2006).

A menor modificação como a deslocação de um móvel ou a mudança de alguma rotina, no dia da criança, pode provocar reações explosivas; porém, é difícil prever quais são as alterações particulares que vão produzir tais reações.

Jogos tem uma tendência a serem mecânicos, repetitivos e sem qualquer imaginação ou criatividade: alinham sem cessar objetos, fazem coleções deles ou repetem constantemente um mesmo movimento. “São, com frequência, exageradamente apegados a um objeto particular, que guardam o tempo todo e protestam se lhes for retirado”. (SANTO e COELHO, 2006).

O autista tem enorme fixação a objetos ou brinquedos e é claro que isso também acontece com crianças normais, mas no caso dos autistas, os objetos não são utilizados pela sua função ou valor simbólico: a criança cheira-os, leva-os à boca ou faz com que rolem. São fascinados por coisas em movimento e em particular pelas que giram, podendo contemplar ventiladores ou pêndulos durante horas.

Há autistas com expressão verbal, alguns têm preocupações não habituais, que repetem incessantemente. Fazem perguntas de forma estereotipada sobre datas históricas, estradas, horários de trens, cores ou nomes, pelas quais esperam uma resposta muito precisa e sempre idêntica. Alguns dão provas de memória notável, fotográfica, para listas de nomes, histórias ou poemas, que muitas vezes foram ouvidos anos antes e podem ser restituídos de forma perfeitamente exata. Estas capacidades costumam aparecer de 4 a 7 anos e deve ser entendidas por quem convive com crianças que possuem tal distúrbio. Na maioria das vezes, os autistas têm movimentos estereotipados, como girar as mãos ou bater uma contra a outra. Estes movimentos podem associar-se para realizar sequências de gestos complicados, às vezes repetidos num momento preciso do dia.

O capítulo seguinte irá ressaltar as causas do autismo.

3 CAUSAS E SINTOMAS DO AUTISMO

As causas do autismo são desconhecidas, mais as pesquisas na área estão cada vez mais intensas. De acordo com uma Associação Médica Americana, as chances de uma criança desenvolver autismo por herança genética é de 50%, sendo que a outra metade das gravidades dos sintomas; pode-se dizer também que algumas vezes a causa do autismo tem haver com os sentimentos maternos durante a gestação, supondo que durante a gestação a mãe só tenha passado por coisas ruins e sentimentos tristes, automaticamente é como se a criança absorvesse todos os sentimentos da mãe sendo eles bons ou ruins.

Para que a criança cresça bem psicologicamente a mãe deve transmitir esse bem estar ao filho. Além disso, caso o filho seja diagnosticado com autismo, a mãe deve ser a primeira a se mostrar psicologicamente bem para a rotina diária do seu filho. Uma mãe que não está preparada psicologicamente para cuidar de um filho Autista fará com que seu filho amadureça nervoso e sem as necessidades necessárias para se desenvolver de forma tranquila. A complexidade desse Transtorno e o fato de que os sintomas e severidade podem variar, provavelmente são quadros resultantes da combinação de diferentes genes. Alguns problemas genéticos acontecem espontaneamente e outros são herdados.

“Nas décadas de 40 e 50 acreditava-se que a causa do autismo residia nos problemas de interação da criança com os pais e com a família. Várias teorias sem base científica e de inspiração psicanalítica culpabilizavam os pais (em especial as mães) por não saberem dar as devidas respostas afetivas aos seus filhos.” (SANTO e COELHO, 2006, p.7).

Ao certo não há ligação causal entre atitudes e ações dos pais e o aparecimento das perturbações causadas pelo autismo, como também não se encontra uma relação entre raça, classe social ou a educação parental que foi passada a criança autista.

Apesar de nenhum gene ter sido identificado como causador de autismo, pesquisadores estão procurando mutações do código genético que as crianças com autismo possam ter herdado. Estudos recentes indicam também que o autismo não é regido apenas por causas genéticas. A suposição é que fatores ambientais que tenham impacto no desenvolvimento do feto, como stress, infecções, exposição a substâncias químicas tóxicas, complicações durante a gravidez, desequilíbrios metabólicos podem levar ao desenvolvimento do autismo. Dentro dos fatores ambientais, pesquisadores detectaram uma maior importância para o risco de **TEA** dos fatores ambientais individuais, que incluem complicações durante o nascimento, infecções maternas ou a medicação que se recebe antes e

após o nascimento, prematuridade, face aos fatores ambientais partilhados pelos familiares. Conforme Queiroz (2012), o isolamento é a característica marcante do autismo. E

[...] a criança que prefere ficar sozinha em vez de com a mãe, que não gosta de ser colocada no colo e não olha para as pessoas com frequência e duração normais, ou tenha atraso na fala até os dois anos possui características que indicam que ela pode ser portadora da doença. (QUEIROZ, 2012, p. 25)

Caso a criança apresente algum desses comportamentos, o correto é procurar algum especialista para que dessa forma a criança seja acompanhada por profissionais adequados. A criança autista não se exclui de nada ela apenas tem dificuldades de socialização, é como se ela não confiasse em ninguém além dela mesma.

Nas décadas de 50 e 60, as propostas de reabilitação substituem os modelos psicoterápicos de base analítica, quando a doença era considerada uma consequência de distúrbio afetivo. Esses modelos de reabilitação podiam então ser caracterizados como:

- Modificação de comportamento
- Terapia de "Holding"
- Aproximação directa do paciente
- Comunicação facilitada
- Técnicas de integração sensorial
- Treino auditivo (SANTO e COELHO, 2006, p.23).

Na realidade não existe um tratamento específico para o autismo e sim tratamento individualizados onde os resultados variam de paciente para paciente.

Como exemplos de alguns tratamentos temos: psicoterapia individual, psicanálise, terapia familiar, modificação de comportamento, fonoaudiologia, educação especial, tratamentos residenciais, tratamento medicamentoso com drogas diversas (psicotrópicos, anticonvulsivantes, estimulantes cerebrais, vitaminas, ácido lisérgico), eletroconvulsoterapia, estimulação sensorial e isolamento sensorial.(SANTO e COELHO, 2006,p. 26).

Cada método terapêutico consegue melhorar um sintoma específico, mas não eliminá-lo por completo, por isso é preciso, sobretudo, adaptar cada método aos diversos problemas e fases, e, sobretudo é extremamente importante que o plano seja realista. Por exemplo, no caso de um deficiente mental, uma psicanálise seria desastrosa, porém a psicoterapia funcionará, se for tido em conta o grau de atraso e a flexibilidade de adaptar técnicas diversas.

Algumas crianças apresentam linguagem comunicativa cedo e não sofrem atraso tão acentuado, são capazes de desenvolver uma personalidade organizada e complexa e uma vida ativa de fantasia, por isso estas podem ser eficientemente trabalhadas por uma abordagem psicoterapêutica. Sem dúvida que a eficácia do tratamento dependa da clareza e organização oferecidas, por exemplo, a psicoterapia só é útil em poucos casos, melhorando apenas a capacidade de se relacionar e não alterando as suas deficiências básicas, cognitivas e linguísticas.

A musicoterapia atua como motivação para o desenvolvimento de autoestima. Com técnicas que provocam no indivíduo sentimentos de auto realização, autoconfiança, auto satisfação e muita segurança em si mesmo. O ritmo elemento básico dinâmico e potente na musica é o estímulo orientador de processos psicomotores que promovem a execução de movimentos controlados. (PADILHA, 2008, p. 47)

Outro tratamento bastante procurado é a musicoterapia que visa os princípios da utilização da música e sua influência em cada indivíduo, a qual provoca uma série de respostas específicas que se expressam nas áreas de manifestação dos comportamentos, sejam eles: sensorio- motor, afetivo-emocional, cognitivo comportamental, sócio- comunicacional e a musical. Além do mais a música tem um poder calmante quando se trata de autistas pois é algo que faz com que sua atenção seja fixada e estimula a fazer atividades propostas, pois além de acalmar proporciona aos alunos a dança, onde o indivíduo poderá fazer seus movimentos repetitivos, o que é característica dos autistas.

De acordo com o DSM-V, existem várias definições e critérios diagnósticos distintos do que vem a ser o autismo. Não é fácil traçar um nível de incidência confiável em virtude destes inúmeros diagnósticos, pois conforme variam as definições, variam também a quantidade de indivíduos diagnosticados. É importante, agora que a criança autista está sendo integrada na escola regular de ensino, que o profissional da área de educação tenha conhecimento dos sintomas característicos desse distúrbio, e a presença de sete destes sintomas já é o bastante para definir o autista. A maioria dos sintomas está presente desde os primeiros anos de vida da criança, variando em intensidade, de mais severo, a mais brando.

Sobre as características da criança autista José e Coelho (2010) relacionam abaixo algumas dessas características:

- Solidão em grau extremo e evidente na mais tenra idade;

- Fascinação por objetos (aspiradores de pó, enceradeira, liquidificador), em contraste com o desinteresse por pessoas;

- Ausência de sorriso social; parece não reconhecer os membros de sua família e não se empenha em atividades lúdicas sociais;

- Não desenvolve linguagem apropriada;

Não liga para barulhos à sua volta;

- Demonstra pouca sensibilidade sensorial, falta de consciência de sua identidade e agressão autodirigida;

- Possui excelente memória: decora facilmente poesias, canções, aprende sempre palavras novas;

José e Coelho (2010,p.68) afirmam ainda que, “quanto mais cedo se identificar o autismo, mais eficaz será o tratamento e, em alguns casos a sua relativa recuperação [...] não existe uma cura completa porque a personalidade está distorcida e a maturidade mal estruturada. O que pode ser feito é um tratamento especializado, que prepara a criança para um convívio social”.

Ele transmite sérios problemas na expressão da fala. Sua comunicação, na maioria das vezes, mesmo com dificuldades é feita através da mímica. Tem restrição a resposta de um sorriso e, os jogos do faz de conta e de imitação, quase não se fazem notar ou tomam configurações desapropriadas, sendo estas, expressão automática de sons e de palavras sem finalidade aparente, repetição de palavras ou frases escutadas e balanceio do corpo.

As pessoas autistas podem ser tão diferentes uma das outras, tão heterogêneas em suas necessidades e competências, que cada caso exige uma adequação específica e muito concreta das estratégias e objetivos de tratamento. Os objetivos e procedimentos terapêuticos e educacionais são muito variáveis, dependendo do comprometimento da pessoa, nas suas diferentes dimensões. (CAMARGOS JR., 2005, p.75)

Deve-se notar que as descrições dos sintomas em uma criança autista, referem-se a pontos selecionados dentro de um contínuo e que, na prática, são encontradas todas as formas intermediárias possíveis.

Normalmente os primeiros sintomas do autismo são observados em casa, nos primeiros meses de vida, onde a criança que não possui o transtorno costuma estranhar

pessoas que não fazem parte do convívio dela, já o autista não reage de forma nenhuma diante de estranhos. Na maioria das vezes esses sintomas só são percebidos ao ingressar na escola, onde a professora nota que o aluno não corresponde ao que é feito em sala de aula, não interage com os colegas, tem fixação por algum objeto em especial. É nesse momento que a escola entra em contato com os pais para que procurem ajuda de um especialista procurando diagnosticar o grau do autismo.

Na comunidade, o autista não se envolve com o que está acontecendo ao seu redor, algumas vezes ele se irrita com sons, não tem intimidade com vizinhos, etc. Ele não tem segurança ao ter contato com pessoas desconhecidas e algumas vezes ficam muito agitadas, ou tem crises de nervosismo, então ao ter contato com autistas tem que ter calma para que eles não se incomodem com o contato entre ambos.

O próximo capítulo irá se tratar da Inclusão desses alunos com o transtorno autista

4 A INCLUSÃO DESSES ALUNOS

“Desde 2008, a política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva determina que todos os alunos com necessidades educacionais especiais sejam matriculados em turmas regulares.” (MEIRELLES, 2010, p.04)

A Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (7 janeiro de 2008) estabelece que a Educação Especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis educacionais, sendo eles, educação básica e ensino superior. Onde realiza o Atendimento Educacional Especializado sendo este complementar e/ou suplementar no ensino regular, devendo o aluno receber atendimento de acordo com suas necessidades educacionais específicas. “A integração escolar, cuja metáfora é o sistema de cascata, é uma forma condicional de inserção que vai depender do aluno, ou seja, do nível de capacidade de sua adaptação às opções do sistema escolar, a sua integração, seja em sala regular, uma classe especial ou mesmo instituições especializadas” (MANTOAN. 1997 p.8).

Neste sentido, fica claro que é o aluno que precisa se adaptar ao modelo de ensino. O sistema de cascata descreve que pelo processo de integração, por meio de uma corrente principal, os alunos podem subir ou descer na cascata, ir para as classes regulares ou para as classes especiais, conforme suas limitações e possibilidades, flexibilizando, assim, circulação dos alunos com necessidades educativas especiais no sistema de ensino.

Os alunos com necessidades especiais têm o direito de serem matriculados em escolas de ensino regular, para que dessa forma estejam inclusos na sociedade e demonstrem que suas capacidades são as mesmas porém eles tem seu tempo e maneira de aprendizagem; o único problema é que quase não há professores capacitados para tais desafios e por isso algumas escolas não aceitam esses alunos, o que não deve ocorrer, pois escolas de ensino regular são obrigadas a aceitar esses indivíduos, independente de suas condições sociais, físicas, intelectuais, emocionais, etc. As escolas devem assegurar condições de acesso, aprendizagem, e participação de todos os estudantes, em um espaço que reconheça e valorize as necessidades de cada um.

Crianças com autismo não são doentes, só são especiais e necessitam de um olhar diferente em um local onde nenhuma criança é diferente da outra, e para que isso ocorra é necessário que os profissionais em questão tenham um conhecimento específico sobre tal

doença. “A inclusão começa com a chegada desse aluno à escola, mas é preciso também garantir sua permanência e aprendizagem.” (BASÍLIO, 2010, p.15)

Para que haja a permanência do aluno autista na escola regular, é necessário que os profissionais da área saibam como lidar com essas crianças, o que na realidade não é fácil, pois o aluno autista tem sua maneira de aprender de uma forma especial. Então é necessário que tenha uma capacitação dos profissionais que vão interagir com esses alunos. “Até agora, os sistemas de ensino têm lidado com a questão por meio de medidas facilitadoras, como cuidadores, professoras de reforço e salas de aceleração, que não resolvem, muito menos atendem o desafio da inclusão.” (MANTOAN, 2009, p. 07).

Ainda para Mantoan (2009), para haver inclusão não é o aluno que deve mudar e sim a instituição que para recebê-la deve se transformar. Ao qualificar uma escola para receber todos os alunos, implicam medidas de outra natureza, medidas essas que visam reestruturação do ensino e suas praticas que acabam sendo excludentes. “A criança autista deve ocupar e fazer uso dos espaços públicos, assim como todos os cidadãos.” (MOREIRA, 2010, p. 25).

Não é porque a criança é autista que ela deve ser excluída de tudo e de todos por ser “diferente”, ela não é diferente só tem dificuldade de socialização, o que ela precisa é que passem confiança para ela e a deixem demonstrar seu jeito de ser. A criança Autista é igual qualquer outra criança só possui uma maneira diferente de agir diante de outras pessoas.

4.1 Estilos de aprendizagem

Estilos de aprendizagem são características particulares de aprender, ou seja, cada indivíduo possui um estilo único e diferenciado no processo de aquisição de conhecimentos (OLIVEIRA, 2002, p.80). De acordo com o autor existem três estilos de aprendizagem: linguístico auditivo, linguístico visual e sinestésico visual auditivo.

Estilo linguístico auditivo – cerca de 60% da população tem tendência a trabalhar melhor a informação de modo oral e revelam dificuldades em transformar a oralidade na escrita. Mostram preferência em trabalhos de grupo e estudam em voz alta.

Estilo linguístico visual - cerca de 35% da população prefere trabalhar a informação de modo escrito. Preferem o trabalho individual porque nos trabalhos de grupo têm de expressar a oralidade. Revelam dificuldades em transformar a imagem mental em verbalizações.

Estilo sinestésico visual/auditivo – cerca de 5% da população não tem um estilo definido. Têm tendência a trabalhar a informação enquanto se movimentam, ou seja, conseguem trabalhar a informação enquanto estão a ver, a ouvir e a mexer.

O capítulo a seguir irá tratar dos profissionais capacitados para a interação com autistas.

5 PROFISSIONAIS CAPACITADOS

Na grande maioria dos casos a criança autista só não é aceita em escolas de ensino regular devido à falta de profissionais capacitados para a interação desses alunos. Para que esse problema seja solucionado, basta que os professores busquem uma capacitação para que haja essa relação de forma natural e também é necessário que haja um entendimento sobre o que é o autismo e de que maneira o aluno autista reage diante de uma sala repleta de alunos. Aprendendo sobre o autismo, o professor saberá como reagir diante de qualquer situação e passará a entender esse “mundinho” totalmente diferente do nosso em que o autista vive.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. (FRIAS, 2010, p.45)

Para que a interação com essas crianças seja positiva há necessidade de mudanças como, por exemplo, o ensino de linguagens e códigos de comunicação que são uma das maiores dificuldades de autistas, eles quase nunca se comunicam e com essa aprendizagem dos professores, acaba criando uma sincronia entre ambos, alunos e professores.

A educação inclusiva é responsável pela interação com crianças especiais no ensino regular, ela que atende as necessidades educacionais de cada aluno com deficiência e deve ser de acordo com o que as crianças normais estudam, porém adaptada para cada necessidade dos alunos especiais.

A vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência. Afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças: são os primeiros passos rumo à vida adulta. (BONIFÁCIO, 2012, p. 107).

Ao ingressar em uma escola, o autista tem a chance de se socializar com os colegas, porém nem sempre isso acontece. O Autista é meio que isolado pelos colegas porque quase nunca consegue conversar ou se entrosar com o restante da classe.

A legislação brasileira prevê que todos os cursos de formação de professores, do magistério à licenciatura, devem capacitá-los para receber, em suas salas de aula, alunos com e sem necessidades educacionais especiais, dentre os quais os alunos com deficiências. (OLIVEIRA, 2012, p. 04)

A escola é quem tem que acolher o aluno autista e mudar; assim que ocorrem mudanças nas escolas, o aluno autista consegue na maioria das vezes se entrosar e participar de algumas atividades, mas tudo no seu ritmo. É essencial que os professores estejam capacitados a lidar com crianças autistas, as instituições devem proporcionar aos seus profissionais cursos para que assim eles abranjam seus conhecimentos e maneiras para se envolver com essas pessoas que possuem esse ou outros tipos de transtornos.

Atualmente a criança autista não é mais vista apenas como doente, mas um sujeito com potencialidades a serem desenvolvidas no campo pedagógico e educacional. Este novo contexto da educação tem sido referenciado nas declarações, resoluções, normas e outros instrumentos que têm surgido de movimentos e eventos de organizações para pessoas com deficiência e de organismos nacionais e internacionais de defesa desse segmento social. As escolas ainda não estão totalmente preparadas para receber esses alunos nos níveis de suas necessidades especiais, porque lhes faltam adaptação curricular, reformulação de critérios de avaliação e outras estratégias para desempenhar de forma favorável estes indivíduos.

A criança deficiente tem as mesmas necessidades emocionais que as outras crianças. Ela necessita de amor, sem ser sufocada com cuidados ou ser sujeita à supertolerância e, acima de tudo, deve ter oportunidades para realizações, autocontrole e o direito de alcançar um lugar de adulto, independente, na sociedade. (BORGES, 2000, p.86)

O Autismo é um transtorno que não ocorre por bloqueios ou razões emocionais como insistiam os psicanalistas. Por ser um espectro, torna-se ainda uma questão mais incomoda não só para quem diariamente lida com estas crianças, mas também para outros técnicos, pela multiplicidade de diagnósticos associados.

6 CONCLUSÃO

Considerando que o autismo é um transtorno de desenvolvimento grave que prejudica a capacidade de se comunicar e interagir, deve-se primeiramente entender do que se trata tal transtorno, quais seus sintomas e como interagir com o indivíduo, pois para se envolver com autistas há uma maneira especial, respeitando o seu tempo e apostando no potencial do aluno.

Ressalta-se que, embora o processo de inclusão dos alunos com autismo em escolas de ensino regular não seja uma tarefa fácil, deve-se ter mudanças para que de fato a inclusão de crianças autistas no ambiente escolar se efetive. Precisa haver uma conscientização social, onde todos os membros que compõem a nossa sociedade, seja ela escolar ou não, integrem-se sobre o assunto, sobre as formas de intervir caso tenham contato com alguma pessoa que apresente o autismo.

A inclusão desses alunos é um direito por lei, sendo assim escola nenhuma pode barrar a matrícula desses alunos pelo simples fato de terem uma deficiência, a solução desse problema é que as escolas devem preparar seus profissionais para interação com esses alunos. Ao aprender sobre os autistas, o profissional compreende e conhece o comportamento autista traçando assim objetivos que estimulam a aprendizagem.

Essa é uma tarefa desafiadora, mas é importante que cada profissional da educação tenha plena convicção de seu importante papel na busca do respeito às diferenças e de uma sociedade mais justa e humana. Até agora, os sistemas de ensino têm lidado com a questão por meio de medidas facilitadoras, como cuidadores, professores de reforço e salas de aceleração, que não resolvem, muito menos atendem os desafios da inclusão. Por isso é necessário que haja a capacitação de cada profissional, pois nesses casos de inclusão não são os alunos que se adaptam a escola, e sim a escola que se adapta para recebê-los.

E essa inclusão não depende só da escola, em primeiro lugar a família e a comunidade deve aceitar o transtorno, pois se não há a aceitação não há inclusão. Com a aceitação facilita a busca de maneiras de interação com essas crianças, e com a ajuda da família a escola consegue conhecer melhor os hábitos e rotinas desses alunos. Cuidar de pessoas com necessidades especiais nos ensina lições que jamais poderiam ser aprendidas de outra maneira.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Joana. **A criança com autismo: os desafios da inclusão escolar**. Tese apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação- Domínio Cognitivo e Motor, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2010.

AUTISMO Realidade, O que é Autismo. Disponível em: <http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/o-que-e-autismo/> . Acesso em: 21 set 2015.

BASÍLIO, Ana; MOREIRA, Jéssica. **Autismo e escola: os desafios e a necessidade da inclusão**. Ano 2015; Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/noticias/autismo-escola-os-desafios-necessidade-da-inclusao/>. Acesso em: 17 ago 2016

BORGES, Maria de Fátima Pereira. **Autismo: um silêncio ruidoso**. Tese apresentada para conclusão do Curso Superior de Estudos Especializados em Educação Especial, Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada. 2000.

CAMARGOS Jr., Walter et. al. **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio**. Brasília: CORDE, 2005. 260 p. Disponível em. Acesso em: 25 mai 2011.

COSTA, Natacha. **Autismo e Escola: os desafios e a necessidade da inclusão**. 2014. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/noticias/autismo-escola-os-desafios-necessidade-da-inclusao> . Acesso em: 24 set 2015.

DSM-IV: **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e de Comportamento**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

DUTRA, Claudia P. Inclusão- **Revista da Educação Especial**. Out./2005.

FRIAS, Elzabel. **Inclusão escolar do aluno com necessidades educacionais especiais: contribuição ao professor do ensino regular**. Artigo (mestrado)- Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba, Paranaíba, 2007.

Garcia, T. & Rodríguez, C. **A criança autista**. In Bautista (coord). Necessidades Educativas Especiais. Lisboa: Dinalivro. 1997.

GONÇALVES, Paula. **O Autismo e a Aprendizagem Escolar**. 2013. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/autismo/> . Acesso em: 18 fev 2016.

JOSÉ, Elizabete Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem: Série Educação**. 12 ed. São Paulo: Ática, 2008.

LIMA, P. A. **Educação Inclusiva e igualdade social**. São Paulo: AVERCAMP, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa. **A integração de pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4a ed. p.43 e 44.

MEIRELLES, Elisa. Revista Escola, **Inclusão de Autistas, um direito que agora é lei**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/inclusao-autistas-direito-agora-lei-732658.shtml>. Acesso em: 22 set 2015.

O AUTISMO na teoria do amadurecimento de Winnicott. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S151724302003000100002&script=sci_arttext . Acesso em: 22 mar 2016.

O AUTISTA no Contexto Escolar. 2013. Disponível em: <
<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/o-autista-no-contexto-escolar>> Acesso em: 21 set 2016.

OLIVEIRA, Elizângela. **Inclusão social: professores preparados ou não?**. 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3103/2224> . Acesso em: 28 mar 2017.

PADILHA, Marisa. **A musicoterapia no tratamento de crianças com perturbação do Espectro Autista**. Tese apresentada para a conclusão do mestrado em Medicina da Universidade da Beira Interior Faculdade de Ciências da Saúde. Covilhã, 2008.

SANTO, A. & COELHO, M. **Autismo: perda de contacto com a realidade exterior**. Trabalho apresentado no âmbito conclusão da ação de formação do Centro de formação contínua de Professores Ourique, Castro Verde, Aljustrel e Almodôvar (CENFOCAL), 2006.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa, GAIATO, Mayra Bonifácio, REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SOUZA, Marilene. **Um estudo da integração do autista no ensino regular.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Pedagogia. Escola Superior de Ensino Anísio Teixeira. 2011.

TEDESCO, Raquel. **Inclusão dos autistas agora é lei.** 2015. Disponível em:<
<https://raqueltedesco.jusbrasil.com.br/noticias/390513751/inclusao-dos-autistas-agora-e-lei>>.
Acesso em: 20 Abr 2016.